

EM TORNO DE UM OLHAR IMPOSSÍVEL

Resenha do livro:

PROENÇA, Paulo. *Em torno de Alberto Giacometti: arte, ética e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2010

*Vanisa Maria da Gama Moret Santos**

Alguns autores portam-se como verdadeiros cavalheiros diante dos leitores: antes de conduzi-los à sua viagem literária, abrem a porta do veículo, estendem-lhes a mão e, finalmente, deixam-nos tomar o rumo que escolherem, com ou sem cinto de segurança. Essa parece ser a melhor metáfora para dizer sobre a experiência que tive com a leitura de *Em torno de Alberto Giacometti: arte, ética e psicanálise*, do escritor e psicanalista Paulo Proença.

Além de uma seleção precisa de importantes trabalhos de Alberto Giacometti, o texto de Proença prima por uma cuidadosa e delicada revisão da literatura psicanalítica que bordeja o objeto de arte giacomettiano, reafirmando que a ética de que se trata aí é aquela referente a *das Ding*, ou seja, aquela que circula em torno da falta sempre presente. Os iniciados na coisa da psicanálise poderão rever com Paulo os textos de Freud e Lacan que o auxiliaram em sua escrita em torno do vazio que parece ter se instaurado por ocasião de sua pesquisa de mestrado. Resultando em uma experiência estética literária, seu livro chega às livrarias sem o ranço do academicismo estéril e nos revela o mundo angustiante da criação da obra de arte através da lente de Giacometti.

Logo na introdução, o autor marca o tom de sua obra mostrando que sua escrita é atravessada pela leitura do Seminário VII, *A ética da psicanálise*, de Jacques Lacan (1959-60). No capítulo de abertura do livro, Proença situa o artista em sua época, discorrendo brevemente sobre sua biografia, influências, amigos, formação artística, dentre outros aspectos de sua vida. Parte daí para também introduzir aquilo que vem a ser a espinha dorsal de sua pesquisa, ou seja, a relação do artista com seu olhar sobre o objeto de arte e os

* Psicanalista, autora dos livros *As faces do tempo* (2008) e *Fragmentos* (2003), mestre em psicanálise (UERJ-2010), especialista em Psicologia Clínica (PUC-2005), especialista em língua inglesa (UERJ-1997), membro dos Fóruns do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro.

momentos de angústia vividos por Giacometti diante da constatação da impossibilidade de apreender isso que se interpõe entre sua visada e a realidade. Impossível de ser capturada pelo olho do artista, a realidade sempre fugidia, é retratada pelo artista suíço com a mesma dificuldade com que o poeta trata a palavra, sempre insuficiente para dar conta do real. A magia inerente à obra giacomettiana relaciona-se, portanto, muito mais àquilo que é sugerido através da falta do que pelo que seria percebido como a bela forma. O drama de Giacometti é, portanto, o de todo aquele que lida com a arte, ou seja, o de saber que há uma precariedade em toda tentativa de representar aquilo que é da ordem de *das Ding*. E se o belo para a psicanálise é anteparo diante do horror que o real esconde sob seu último *vel*, em Giacometti vemos a tentativa insistente de desvelar isso que não está aí de todo. Como o autor salienta, “Se procuramos desenvolver algo que se relacione com uma estética, essa estética deve, necessariamente, estar assentada nessa precariedade, nesse corpo crivado pela hiância e pelo inacabamento” (Proença, 2010, p. 43).

Como dissemos, seu livro se estrutura em torno da noção de vazio tão essencial para a arte e para a psicanálise. Desse modo, os capítulos seguintes abordam a falta pelo viés da teoria de Lacan, enfatizando a influência que a filosofia de Heidegger teve na construção do conceito de objeto *a* e a relação originária disso com a *Coisa* freudiana. Elevando sua própria escrita à *dignidade* de coisa, o autor discorre com o mesmo rigor de Giacometti sobre temas fundamentais para a psicanálise. No caso do capítulo III, por exemplo, Proença, faz-nos rever o lugar da psicanálise diante do saber compartilhado sobre o que é uma obra de arte. Se Freud nos diz que os poetas e romancistas são preciosos aliados da psicanálise, o autor não foge à regra. Iluminando nossa leitura através de inúmeras referências bibliográficas importantes para quem se interessa pelo tema da estética, da arte e da ética, o autor dialoga com outros campos do saber para ressaltar, ao final, a perspectiva psicanalítica.

O livro de Proença nos faz refletir igualmente sobre nossa experiência com a clínica através da tese giacomettiana de que há uma infinidade de coisas entre o sujeito e todas as suas relações com seu objeto *a* e é por isso que todo *falasser* só pode se fazer dizer se o fizer por partes. Desse modo, seu texto parece cumprir a tarefa de abrir nossa percepção, multiplicando-a, ao invés de limitá-la a teorias inócuas. Tendo caminhado sinuosamente em torno das ranhuras da obra de Giacometti, guiados pelas mãos do autor, percebemos que é preciso nos contentar com a parte, já que a apreensão do todo é sempre da ordem do impossível.

Para finalizar, reafirmamos junto a Giacometti, Freud, Lacan e Proença que, embora a verdade seja não toda, ainda assim, haverá sempre um infinito de coisas a se explorar nas lascas de realidade que continuamente insistirão em se fazer dizer através do poeta e do artista.

Referências

LACAN, J. (1959-1960). *Seminário VII: A ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PROENÇA, P. *Em torno de Alberto Giacometti: arte, ética e psicanálise*. Rio de Janeiro, Cia de Freud, 2010.

Recebido em: 09/04/2012

Aprovado em: 09/04/2012

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista